

## SOBRE CIDADES-ILHAS: LITERATURA E MEDIAÇÕES ESTÉTICAS

Carlos André Cordeiro de Oliveira <sup>1</sup>

**RESUMO:** Dissertamos brevemente sobre o entrecruzamento estético-cultural entre cidades/ilhas pós-coloniais, natureza e literatura com ênfase na literatura caribenha, particularmente nos escritos de Édouard Glissant, e como a poética pode inaugurar mediações estéticas entre a linguagem e a história, com repercussões para a cosmovisão do lugar da cidade, incorporando, assim, uma dimensão caótica ao fenômeno literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura pós-colonial; Cidades-ilhas; Glissant; Poesia antilhana.

**ABSTRACT:** We discuss briefly about the aesthetic-cultural intermingling between postcolonial cities/islands, nature and literature with emphasis on the Caribbean literature, especially in the writings of Edouard Glissant, and how poetics may establish aesthetic mediations between language and history, with consequences for the mindset of the place of the city, incorporating, thus, a chaotic dimension to the literary phenomenon.

**KEYWORDS:** Postcolonial literature; Cities-Islands; Glissant; Antillean poetry.

### 1. Introdução

A literatura certamente participa da disputa simbólica presente nas culturas contemporâneas, ao travar mediações e traduções estéticas das percepções de realidade, das práticas sociais inscritas na história, dos imaginários, das fronteiras e dos zoneamentos de identidades e diferenças.

Jeff Humphries (2005), pesquisador em literatura caribenha e um dos tradutores de Glissant para o inglês, avalia os poemas deste como um manancial de possibilidades pós-coloniais em aberto por diferentes motivações. Embora reconheça influências profundas de Mallarmé, Rimbaud, Breton na poética glissantiana, o mesmo tradutor e crítico nos chama atenção para como sua escrita não apenas mobiliza deslocamentos de referências europeias para o heterocosmo caribenho, como ainda, faz nutrir e germinar uma forma (pós-colonial) de ler o mundo que destoa sensivelmente da apreciação teórica de Karl Marx, Jacques Derrida, Michel Foucault e Jacques Lacan – tomados aqui como representantes de um certo cânone das ciências humanas europeias –, e mesmo de Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Edward Said, estes centralmente influenciados por aqueles.

Não é à toa que alguns teóricos da (pós-)colonialidade, como Aníbal Quijano, reconfiguram a pós-colonialidade para tratar da colonialidade, como sendo este processo intermitente e caótico de idas e vindas. O prefixo *pós-*, para estes pensadores, colocaria uma fronteira invisível para um movimento histórico muito mais denso e subterrâneo que

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

persiste e vigora em múltiplas manifestações, e, dentre elas, na própria materialidade linguística, literária, estética e cultural, que aqui nos interessa. Ademais, não é nosso escopo enquadrar Glissant como poeta da (pós-)colonialidade ou não, mas termos sobretudo em conta a possibilidade de o lermos a partir de seu próprio *imanentismo social* – retomando Adorno (2003) – e assim, despidos da carapuça teórica, podemos tanto perceber como os dados internos do poema assimilam poeticamente os dados externos quanto estes podem ser dialeticamente assimilados ao par conteúdo-forma literários (CANDIDO, 2006).

## 2. *Métissage* e caos na poesia de Glissant

O Caribe, por conseguinte, as Antilhas, foi forjado historicamente pela violência, brutalidade, extirpação e degredo, trazendo implicações radicais e indelévels às manifestações artístico-culturais em um espaço-tempo singular e pertencente àquelas ilhas. Contudo, os poemas de Glissant tematizam estes elementos de maneira *oblíqua, divergente, indireta* – na conceituação dos termos em Riffaterre (1984). Nestes poemas, prevalece, mormente, as “relações universais entre o homem e a natureza, [as] línguas humanas e aquelas [entre] vento, sol, árvores, vinhas, flores, peixe e pássaros em um lugar trágico e exótico resplandecentemente estranho chamado Antilhas<sup>2</sup>” (HUMPHRIES, 2005, p. xii). Não se trata de lirismo, escapismo ou canto das sereias, mas de uma natureza inconfundível que testemunha/ou o que evanesceu aos olhos das gerações, o eco sofrido destas terras-mares distantes.

Antonio Benítez-Rojo enxerga a base territorial caribenha como sendo uma ponte político-cultural entre as Américas do Sul e Norte, compreendendo as Antilhas, particularmente, como um *meta-arquipélago* – nem fronteira, nem centro, porém, autorreferenciada. Ao nível do discurso literário, é a ambivalência entre “o discurso do mito com o discurso da história; ou ainda, do discurso da resistência com a linguagem do poder<sup>3</sup>” (BENÍTEZ-ROJO, 1996, p. 4). Derek Walcott pondera sobre este aparente jogo de (des)fronteirização construída historiograficamente como recurso de apagamento/ofuscamento para redescobrir o que ele chamou diversamente de *terra incógnita and space*, “um mundo sem bordas, um mundo plano sem bordas<sup>4</sup>” (WALCOTT, 2005, p. 51). Glissant (1994, p. 160) chega a afirmar que “*chacun tente la nouvelle traversée! La mer est éternelle*” (‘cada um tenta a nova travessia! O mar é eterno’).

Uma das reações poético-teóricas de Glissant ocorre através da *métissage*. Traduzida ao inglês como *miscegenation, intermingling, nonintegrity, mongrealization*. Formalmente, o termo francês deriva de *métis* (mestiço), do latim tardio *mixticius*, por sua vez derivado de *mixtus* (LAMBRECHTS, 2006). As acepções de *métissage* e mestiçagem (ou mestiçamento) encontradas nos dicionários monolíngues em francês e em português coincidem perfeitamente (LACERDA, 2016). Contudo, Glissant utiliza esse termo – *métissage*, mestiçagem – com finalidades específicas, tais como: a) a impossibilidade de uma identidade pura, ou a defesa de uma não-identidade; b) a defesa tanto à resignação do passado quanto à resiliência criativa para suplantar as sequelas da

<sup>2</sup> “[...] universal relations between man and nature, human languages and those of wind, sun, trees, vines, flowers, fish, and birds in the strange resplendently tragic and exotic place called Antilles [...]”.

<sup>3</sup> “[...] the discourse of myth with the discourse of history; or even, the discourse of resistance with the language of power”.

<sup>4</sup> “[...] a world without edges, a flat world without edges [...]”

violência; c) a busca por abarcar a “multiplicidade, a *desordem* da Natureza<sup>5</sup>” (HUMPHRIES, 2005, p. xvi, grifos do autor).

Em parte, a *métissage*, enquanto manifesto e projeto, pode se transmutar em cavalo de Tróia, haja vista que “os colonizados se fazem descolonizados colonizando aos colonizadores<sup>6</sup>” (ITURRI, 2011, p. 101). Ainda para Iturri, viver a cultura seria “viver a pluralidade de identidades como crise e desafio permanentes para preservar a diversidade, não como distorção, não como defeito, não como carência<sup>7</sup>” (2011, p. 102), mas justamente para permitir a multiplicidade e o caos dos sistemas culturais como defesa para a germinação e o enraizamento de identidades locais como *paradigma mestiço*.

*Métissage, melting pot, hibridización, creolization*, transculturação, dentre outros, são algumas das terminologias possíveis que significam aspectos diferentes e realçam ângulos diferentes sobre a problemática deste *continuum* cultural, cujo estigma central é o movimento desordenado, o desenraizamento forçado, o alhures transplantado, os navios negreiros, as *plantations*, numa palavra, o caos produtivo. Benítez-Rojo, neste último ponto, compreende o caos como “todos os fenômenos que dependem da passagem do tempo” e acrescenta, ao analisar o Caribe, que o objetivo “não é encontrar resultados, mas processos, dinâmicas, ritmos que mostrem a si mesmos dentro do marginal, do regional, do incoerente, do heterogêneo, [...], do imprevisível que coexiste conosco em nosso mundo cotidiano<sup>8</sup>” (1996, p. 3)

Nesse sentido, a leitura da literatura abraça o caótico já presente na literatura, tomado como microcosmo cultural, interligando a tudo e a todos, totalizando os interstícios da história fraturada, onde sobrevivem os rios, os mares e os oceanos – metáfora-argumentos fundamentais para a poética de Glissant, que também são encontrados de modo diverso em Saint-John Perse, Derek Walcott, entre outros. Em *Faulkner, Mississipi*, Glissant nos argumenta que “[e]m nossos países, atribulados pela História, quando as histórias das populações enfim se encontram, as obras da natureza se convertem nos verdadeiros monumentos históricos<sup>9</sup>” (GLISSANT, 2002, p. 22).

Já Humphries lê esta atitude glissantiana na poesia como um abandono ao projeto poético de Mallarmé, em particular, e aponta marcas diferenciadoras entre os poetas do *Novo Mundo* e os poetas europeus do século XIX, sobretudo da linhagem francesa Baudelaire-Mallarmé-Rimbaud, dentre elas, como os *leitmotiven* do ser na natureza e de seu exílio são poetizados, pois

[o] poeta do Novo Mundo, seja de ancestralidade miscigenada, africana ou europeia, já está deslocado, exilado, errante desde a nascença, e não tem necessidade de comportamentos autodestrutivos a fim de apreender uma intimidade com a Natureza ou alcançar uma visão poética das essências puras da Natureza, porque, mesmo quando traído por dentro em identificação com modos Ocidentais do Velho Mundo de conhecer, ele/a já vive e conhece uma relação de não-distinção do natural, do real e da história, e frui uma intimidade

<sup>5</sup> “[...] multiplicitousness, the *disorder* of Nature”.

<sup>6</sup> “Los colonizados se han descolonizado colonizando a los colonizadores”.

<sup>7</sup> “[...] vivir la pluralidad de identidades como crisis y desafío permanentes para preservar la diversidad, no como distorsión, no como defecto, no como carencia”.

<sup>8</sup> “[...] all phenomena that depend on the passage of time”; “[...] is not to find results, but processes, dynamics, and rhythms that show themselves with the marginal, the regional, the incoherent, the heterogeneous, [...], the unpredictable that coexists with us in our everyday world”.

<sup>9</sup> “En nuestros países, sometidos a la Historia, cuando al fin las historias de los pueblos se encuentran, las obras de la naturaleza se convierten en los verdaderos monumentos históricos”.

fundamental com a experiência natural que precisa apenas ser reconhecida e cultivada para se tornar explícita<sup>10</sup> (HUMPHRIES, 2005, p. xv).

A poesia em Glissant, retomando nosso escopo, é esta mediação autotélica da natureza, a interpretação dela mesma, recuperando sua memória, sua qualidade monumental, estendendo as paisagens antilhanas ao nível do texto poético. Digno de nota, pois, é a rejeição glissantiana de “qualquer conceito estático ou simples da relação entre literatura e política, poesia e ideologi<sup>11</sup>” (HUMPHRIES, 2005, p. xiii), e acrescentaríamos, natureza e sociedade, arte e geografia, percepção e objetivação, alteridade e totalidade.

Ocorre, ainda, que o Caribe e as Antilhas, assim como a Bolívia, ao nosso olhar, ainda são vistos como “objeto[s] de etnografia” porque não são concebidas como “parte do mundo<sup>12</sup>”, devido a irregularidade mais visível de suas historiografias (ITURRI, 2011, p. 89). Para Iturri, “a cultura é necessária para enfrentar democraticamente as contradições, para fazer da vida social um drama de representações em conflito, uma densidade de significações que disputam, desconstruindo-os, projetos de vida<sup>13</sup>” (2011, p. 101). Há, ao menos em alguns escritores martiniquenses da última metade do século XX, um apelo poético para a interpenetração da consciência histórica do que se escreve e se lê.

### 3. Sobre as cidades-ilhas em Glissant

Sintomaticamente, Édouard Glissant inicia um de seus poemas mais longos – *Les Indes*, publicado em 1955 – com um prólogo chamado *L'appel*, que nos diz:

*1492. Les Grands Découvreurs s'élancent sur l'Atlantique, à la recherche des Indes. Avec eux le poème commence. Tous ceux aussi, avant et après ce Jour Nouveau, qui ont connu leur rêve, en ont vécu ou en sont morts. L'imagination crée à l'homme des Indes toujours suscitées, que l'homme dispute au monde [...]. Mais il ne faut anticiper sur l'histoire: voici le port en fête, l'aventure qui se noue; le rêve s'épuise dans son projet. L'homme a peur de son désir, au moment de le satisfaire*

(GLISSANT, 1994, p. 109).

Já Patrick Chamoiseau, também martiniquenho, inicia analogamente seu romance *Texaco*, publicado em 1992, com um preâmbulo intradieético intitulado *Repêres*

---

<sup>10</sup> “The poet of the New World, whether of European, African, or mixed ancestry, is already displaced, exiled, errant at birth and has no need of self-destructive behavior in order to realize an intimacy with Nature or to achieve a poetic vision of the pure essences in Nature, because, even when betrayed from within by identification with Old World Western ways of knowing, he or she already lives and knows in a relation of nondistinction from the natural, the real, and history, and enjoys a fundamental intimacy with natural experience that has only to be recognized and cultivated to become explicit”.

<sup>11</sup> “[...] any simple or static concept of the relation between literature and politics, poetry and ideology”.

<sup>12</sup> “Bolivia [...] como objeto de etnografia porque no es capaz de concebirse sólo como parte del mundo”.

<sup>13</sup> “La cultura es necesaria para enfrentar democráticamente las contradicciones, para hacer de la vida social un drama de representaciones en conflicto, una densidad de significaciones que disputan, desconstruyéndolos, proyectos de vida”.

*chronologiques de nos élans pour conquérir la ville* (Marcas cronológicas de nossas tentativas em conquistar a cidade), que segue da seguinte maneira:

*Afin d'échapper à la nuit esclavagiste et coloniale, les nègres esclaves et les mulâtres de la Martinique vont, de génération en génération, abandonner les habitations, les chams et les mornes, pour s'élancer à la conquête des villes (qu'ils appellent en créole: 'l'En-ville'). Ces multiples élans se concluront par la création guerrière du quartier Texaco et le règne menaçant d'une ville démesurée.*

#### TEMPS DE CARBET ET D'AJOUPAS

[...] - 3000 à 1492 Galibis, Arawaks, Caraïbes occupent les îles antillaises.  
1502 Christophe Colomb arrive en Martinique. [...]

(CHAMOISEAU, 2011, p. 13).

Em ambos, observa-se o afã, o impulso ('élan') de produzir *projetos literários* ('*le rêve s'épuise dans son projet*') de longa duração com cronotopos peçados de abismos, de profundezas históricas. Neste terreno movediço do tripé memória-naturezahistória, inscrevem-se e lançam-se ('*s'élancent*, presente em ambos os extratos) a reimaginar, recriando e re-figurando as cidades desmedidas ('*ville démesurée*'), sem medidas, excessivas, enormes, que ultrapassam o bom senso, o habitual. Glissant e Chamoiseau elegem 1492 como o ano-precipício em que *o homem teme seu desejo no momento de satisfazê-lo* ('*L'homme a peur de son désir, au moment de le satisfaire*'), e mesmo assim, o poema se lança no mesmo movimento para reconquistar as cidades ambivalentes, que são *villes*, mas também são *l'En-ville*.

No poema-livro *Les Indes*, subdivido em "capítulos" – "L'appel", "Le Voyage", "La conquête", "La traite", "Les héros", "La relation" –, nas últimas estrofes, o eu-lírico se pergunta "*Où est la ville?*" ('onde está a cidade?') (1994, p. 164). Pergunta retórica como *estratégia de representação* para agir nos vazios da hegemonia (termos retirados de ITURRI, 2011). Trata-se do cair em si para a construção estética da diferença. Reivindicação da escrita poética nos interstícios da cultura, no limiar entre a natureza e a história.

Ainda sobre as *cidades*, leiamos este poema de Glissant na língua-fonte e uma de suas traduções para o inglês:

#### *Miroirs*<sup>14</sup>

#### VILLES

Sur la laine du bruit quelque objet de silence, mais si vaste.  
Il y va de l'amour, de son mouvement vers les vitrines  
attentives.

<sup>14</sup> Procuramos reproduzir fidedignamente a mesma configuração tipográfica de ambas as edições francesas e americanas dos poemas, bem como em nossa proposta de tradução ao português.

Qui s'arrête et contemple? Ici la pensée organise l'exposition des oripeaux, et le charme s'éternise.

Là, des chats géants grattent la terre, l'acier du silence et la croyance sans objet.

GLISSANT (1994, p. 35)

## MIRRORS

### *Cities*

Some object of silence upon the wool of noise, but one so vast.

It consists of love, of its movement towards meticulous shop windows.

Who stops and contemplates? Here thought organizes the display of rags and charm lingers indefinitely.

There, enormous cats scratch the earth, steel of silence and belief without purpose.

GLISSANT (2005, p. 19)

Propomos a seguinte tradução ao português, tal como:

### Espelhos

## CIDADES

Sobre a lã do rumor qualquer objeto de silêncio, mas bastante vasto.

Trata-se do amor, de seu movimento rumo às vitrines atenciosas.

Quem para e contempla? Aqui o pensamento organiza a ex-posição de flanelas e o charme se eterniza.

Lá, os gatos gigantes esgaravavam a terra, o aço do silêncio e a crença sem objeto.

Este poema foi publicado no primeiro livro de poesias de Glissant, *Le Sang Rivé*, produzido entre 1947 e 1954, traduzido na edição em inglês para *Riveted Blood*, e dedicado à *toute géographie torturée* (a toda geografia torturada).

Os espelhos citadinos, urbanos presentes nas vitrines *atenciosas* recebem o brilho, o lustre, o polimento de flanelas, desses pedaços de lã, sobre o *charme* irônico e sarcástico de uma cidade. Ninguém para, ninguém contempla. Não há o que contemplar, além do objeto de silêncio e da crença sem objeto. Que gatos gigantes são estes escavando a terra, extraíndo o aço durável, inquebrantável, silencioso, sem crença? Quanto de metrópole e quanto de colônia há neste poema<sup>15</sup>? Quanto de cidade o espelho colonial reflete na ilha? Há uma dêixis de lugar – um *lá* que acompanha a memória do eu-lírico – que demarca

<sup>15</sup> Entre 1946 e 1965, Glissant viveu em Paris, França, onde estudou etnografia, história e filosofia. Nessa mesma época, escreveu *Le Discours Antillais*.

uma referência distanciada ao *aqui*, ainda que ele esteja presente e em movimento *rumo às vitrines*.

Repare-se no título no plural *Villes, Cities, Cidades*, dando-nos margem para o trânsito e a comparação entre elas, as cidades. O *aqui* se vincula ao campo semântico do *silêncio*, do *amor*, do *pensamento*, das *vitrines* – metonímias para uma metrópole sem sentido, embora vasta. O *lá* aciona os *gatos enormes*, o *aço* e a *crença* sem objeto, sem fixação – elementos tópicos da fauna, dos recursos, da mentalidade.

Dentro das *villes* (cidades), há também as *îles* (ilhas). Ao redefinir-se pelo contato de seu reflexo através do espelho colonial, as ilhas se enxergam protótipos inacabados de cidades: são crenças, mas sem saber no que crer; são ilhas à deriva. E como *gatos gigantes* não miram ao céu, nem ao mar, mas fuçam a terra, em um ato rebelde, mas também solene de não se importar. O poema em questão é fragmentário, em *flashes* que se misturam com percepções e memórias, em uma linguagem cifrada não definível por parâmetros claros. Há referências simbolistas talvez, mas há sobretudo o *imbróglio* da linguagem e a indefinição do espaço e do tempo.

Ao final desta leitura, poderíamos retomar que o *caos* na percepção poética de Glissant é fruto da fragmentação da percepção geográfica, histórica, social e cultural. A materialização poética do *caos* codifica e apresenta o mundo do eu-lírico com seus desencaixes culturais, distâncias geográficas e natureza exuberante.

## Referências

- ADORNO, Theodor. “Palestra sobre lírica e sociedade”. In: \_\_\_\_\_. **Notas de literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 65 – 89.
- BENÍTEZ-ROJO, Antonio. **The repeating island: the Caribbean and the Postmodern perspective**. 2nd edition. Translated by James Maraniss. Durham and London: Duke University Press, 1996.
- CANDIDO, Antônio. “Crítica e sociologia”. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 9ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 13 – 26.
- CHAMOISEAU, Patrick. **Texaco**. Paris: Éditions Gallimard, 2011.
- GLISSANT, Édouard. **Poèmes complets**. Paris: Éditions Gallimard, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Faulkner, Missisipi**. Traducción de Matilde París. Madri/México: Turner Publicaciones/Fondo de Cultura Económica, 2002.
- \_\_\_\_\_. **The collected poems of Édouard Glissant**. Translated by Jeff Humphries with Melissa Manolas. Edited and with an introduction by Jeff Humphries. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2005.
- HUMPHRIES, Jeff. “Introduction”. In: GLISSANT, Édouard. **The collected poems of Édouard Glissant**. Translated by Jeff Humphries with Melissa Manolas. Edited and with an introduction by Jeff Humphries. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2005. p. xi – xxxiv.
- ITURRI, Gillermo Mariaca. El retorno de los bárbaros. In: REIS, Livia; FIGUEIREDO, Eurídice (Orgs.). **América latina: integração e interlocução**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 89 – 109.
- LACERDA, Carlos Augusto (Editor responsável). **Dicionário Aulete Digital**. Lexicon Editora Digital Ltda, 2016. Disponível em <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 17 jul. 2016.
- LAMBRECHTS, Chantal (Direction de l’édition). **Nouveau dictionnaire de français**. Paris: Éditions Larousse, 2006.

- RIFFATERRE, Michael. **Semiotics of poetry**. Bloomington: Indiana University Press, 1984.
- WALCOTT, Derek. Isla incognita. In: DeLoughrey, E.; GOSSON, R.; HANDLEY, G. (Ed.). **Caribbean literature and the environment: between nature and culture**. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2005.
- WALTER, Roland. **Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Coleção Letras. Recife: Bagaço, 2009.